UM

FOI A MADDY

EPISÓDIO 1

«Tudo começou com a chuva»

A COMISSÃO DO MASSACRE DE SPRINGVILLE

Do testemunho juramentado da Sra. Amy Lecter

Primeiro ouvimos o estrondo. Mesmo antes de as luzes se apagarem. Não vivemos muito longe do clube. O nosso filho, Cole, chegou a trabalhar lá como *caddy*, nos verões. Ganhava bem, também. De qualquer forma, sentimos o cheiro do fumo e corremos para o alpendre. Conseguia ver as chamas por cima das copas das árvores. Aquele clube devia estar encharcado em gasolina — iluminava o céu de púrpura. O meu marido, George, meteu-se na carrinha para ir até lá, enquanto eu me sentei no alpendre e esperei. E esperei. E esperei. Durante duas horas inteiras, esperei ouvir alguma coisa. Não fazia ideia do que se estava a passar. Os telefones não funcionavam.

Quando estava prestes a ir para lá, vi o Cole a sair da escuridão, a coxear pela entrada da nossa casa, com os olhos arregalados como se tivesse visto o rosto de Deus. Fiquei tão aliviada por ele estar bem que corri para ele e dei-lhe um grande abraço. Mas… ele estava encharcado.

Como se tivesse vestido o fato diretamente da máquina de lavar. Só quando me afastei é que reparei que o meu roupão estava todo vermelho e comecei a gritar.

Levámo-lo para o hospital. Não tinha um único arranhão, mas transferiram-no para a ala psiquiátrica porque ele não falava. Continua a não falar muito. E o meu Cole era cá um falador. Desde o primeiro dia, não o conseguíamos calar nem que tentássemos. Era o tagarela da família, sempre a correr por aí. Agora, mal se mexe. Mal pisca os olhos, fica a olhar para o nada.

Só dois miúdos sobreviveram à Noite do Baile de finalistas naquele clube. O Cole era um deles. Dizem que quando passas por algo assim, os teus instintos entram em ação. Por isso, a mente dele deve ter-lhe dito para vir para casa. Andou mais de três quilómetros na lama só com um sapato, coberto de sangue de outras crianças.

Quando lhe perguntei o que tinha acontecido… ele só murmurava: «Foi a Maddy.»

1 de maio de 2014
PRIMEIRA HORA. Ginásio.

Maddy Washington puxou a parte de baixo dos seus calções de ginástica verdes, olhando para as nuvens cinzento-escuras por cima da pista de corrida do Liceu de Springville. O seu nariz contraiu-se.

Ia chover.

— Jules Marshall? — gritou a treinadora Bates.

— Presente. — Jules bocejou.

— Wendy Quinn?

— Presente!

— Ali Kruger?

— Presente!

As raparigas juntaram-se perto da vedação mais distante, usando-a para se equilibrarem enquanto alongavam os gémeos e os tendões.

Maddy mordiscou a unha do polegar até se tornar num coto ensanguentado, ao mesmo tempo que tocava nas raízes do seu cabelo alisado até ao osso, sentindo a sua suavidade sedosa.

— Treinadora, vai mesmo obrigar-nos a fazer isto? — choramingou Charlotte McHale, batendo o pé como uma criança.

A treinadora Bates verificou a sua lista de presenças sem olhar para cima.

— As meninas precisam de correr. Trabalhar bem esses músculos.

As raparigas resmungaram em resposta. A treinadora enfiou a prancheta na axila, o seu longo cabelo grisalho enfiado debaixo de um chapéu de *softball* dos Springville Pirates.

— Não quereis ficar bonitas e magras para os vossos vestidos de baile? — provocou a treinadora.

— Não tenho de me preocupar com isso — gracejou Jules, fazendo colidir o rabo com Wendy. — Não sei quanto ao resto destas balofas.

Wendy riu-se, beliscando a coxa exposta de Jules.

— Fala por ti!

Elas riram-se, fugindo dos toques umas das outras. Maddy não estava a prestar atenção. Só conseguia ouvir a pulsação a bater contra o seu tímpano, o nariz a captar o cheiro do seu maior pesadelo.

Não devia chover. Ela verificara. Verificava sempre. Todos os dias, ligava o rádio enquanto preparava o pequeno-almoço e telefonava duas vezes para a linha de apoio à meteorologia antes de sair pela porta da frente. Bastar-lhe-ia um mínimo de 20 por cento de hipóteses de chuva para ficar em casa. A previsão apontava para um céu sem nuvens, setenta e cinco graus, baixa humidade. Então, porque é que o céu parecia estar prestes a mudar de ideias?

— Terra chama MADDY! Acorda, MADDY!

Maddy virou-se para trás, empurrando a armação castanha torta sobre o nariz.

— Hã?

Toda a turma ficou a olhar para ela, carrancuda.

— Bem, obrigada por te juntares a nós — disse a treinadora Bates. — Só chamei o teu nome umas cinco vezes.

Maddy olhou rapidamente para o chão, penteando o seu longo rabo de cavalo com dedos trémulos.

A treinadora Bates abanou a cabeça e puxou de um cronómetro.

— Muito bem, meninas! Alinhem-se. Está na altura de irmos lá para fora. Vão correr até ao campo inferior e voltar. Duas voltas. À minha contagem!

Maddy olhou para o céu mais uma vez. Algo azedo lhe escorreu pelo fundo da garganta, obrigando-a a fazer o impensável.

— Mas… vai chover — disse ela numa voz estridente.

A turma inteira virou-se, estupefacta. Maddy não dissera mais do que três palavras durante o ano todo. Agora, a meio do mês de maio, conseguira articular uma frase inteira.

A treinadora Bates, inicialmente chocada com o som da voz da aluna de que menos gostava, revirou os olhos.

— Bem, acho que isso significa que as meninas vão ter de correr mais depressa. Agora, mexam-se! Vão estar de volta muito antes de começar. Vamos lá, meninas. Andor!

Os pulmões de Maddy transformaram-se em pedra, deixando escapar golfadas de ar rápidas e superficiais. Uma gota. Seria o suficiente para acabar com tudo. Os seus olhos dirigiram-se para as portas da escola, mordiscando um lábio trémulo enquanto a voz do pai se enfurecia dentro da sua cabeça.

Ninguém pode saber. Nunca ninguém poderá saber!

Ela não podia, sob circunstância alguma, molhar o cabelo.

Mas se tentasse fugir, a treinadora Bates apanhá-la-ia, e quem sabe no que isso iria dar. Gabinete do diretor? Detenção? Suspensão? Maddy nunca se metera em sarilhos.

Por isso, enfiou o rabo de cavalo na camisola e seguiu a linha ao longo do campo.

As raparigas corriam aos pares, exceto Maddy, que corria sozinha atrás, tentando acompanhar, tentando fugir à ameaça de chuva que pairava sobre elas. Não era tão atlética como as outras raparigas. Nunca tinha praticado nenhum desporto ou tido uma única aula de dança. O Papá não o permitia. O suor só lhe iria estragar o cabelo.

Ninguém pode saber. Nunca ninguém poderá saber!

— Bem, sim, o vestido chegou, mas não é nada parecido com a fotografia — disse Jules a Wendy, sem fôlego. — Ia pedir à mãe da Cindy para o levar, mas ela disse que já estava cheia de trabalho, e eu disse que não queria esperar…

Maddy observou os seus longos cabelos ruivos e loiros a saltitar em sincronia com os seus passos. Não estavam preocupadas com a chuva. Viviam uma vida despreocupada. Maddy engoliu a inveja e tentou enrolar o rabo de cavalo num carrapito, mas não tinha um alfinete para o prender. Sem ter atenção a onde pisava, tropeçou num pau, por pouco não caindo no chão com um ruído.

Jules lançou-lhe um olhar, abanando a cabeça.

— Jesus, ela podia ser mais patética? — resmungou para Wendy, que apenas se riu.

O vento soprou, e o cabelo de Maddy voou para o lado. O grão-de-bico amanteigado, o *bacon*, o sumo de laranja e as vitaminas diárias que tinha comido ao pequeno-almoço reviraram-se-lhe no estômago.

— Enfim, que achas que devo fazer? Posso ir a Atlanta, mas todos os vestidos bons já devem ter desaparecido e nem morta me apanham vestida de igual a uma destas cabras.

— Podemos ir juntas — disse Wendy, a voz rouca e o rosto suave. — Eu ajudo-te a escolher alguma coisa.

O coração de Maddy martelou. Tentou correr mais depressa, arquejando a cada passo, mas, mesmo assim, ficou muito atrás das suas colegas de turma.

— Por favor. Por favor — implorou ao céu. — Por favor.

As raparigas viraram à direita junto ao velho campo de futebol, correndo perto da orla do bosque. O cheiro a palha húmida impregnava o ar. Maddy conseguia avistar o liceu ao longe. Tinham mais uma volta para completar os seus três quilómetros. Talvez a chuva não caísse, pensou ela. *Talvez corra tudo bem.*

Foi então que a primeira gota caiu nos óculos de Maddy. Depois outra. Ela estremeceu com cada gota, tentando cobrir as raízes com as mãos, mas a chuva caiu como uma avalanche. As raparigas gritaram e riram-se, correndo mais depressa, com a lama molhada a salpicar-lhes as pernas, as *T-shirts* brancas finas a colarem-se-lhes às peles.

O cabelo de Maddy, agora encharcado, enrolou-se à volta dos seus ombros como uma capa, e a chuva encobriu-lhe os soluços durante o caminho de regresso à escola.

Maddy observou-se ao espelho, a última ainda no balneário que cheirava a sabão, laca e ténis molhados. Em qualquer outro dia, teria mudado de roupa e corrido para a aula antes que a humidade a apanhasse. Nunca tomava duche com as outras raparigas. Não podia arriscar que o seu cabelo entrasse em contacto com a água.

Mas tudo isso tinha acabado numa tempestade de chuva.

Pestanas húmidas rodeavam-lhe os olhos verde-avelã, a pele branqueada. Sem uma toalha, não tinha nada que a ajudasse a absorver a água das suas madeixas saturadas, que já tinham começado a ganhar vida própria. O seu cabelo secava sempre depressa e depois levantava-se como massa de pão. Se o seu couro cabeludo aguentasse uma permanente, talvez não fosse assim tão mau. Mas, em vez disso, o cabelo crescia, aumentando de tamanho a cada segundo, uma enorme juba de leão, um monstro adormecido que nenhuma escova normal conseguiria domar.

Precisava de um pente quente.

As suas mãos tremeram, tentando desesperadamente enfiar os fios cada vez mais grossos dentro de outro elástico. Este partiu-se, batendo-lhe no pulso e caindo no chão, tal como os outros. Havia uma pilha de elásticos quebrados a seus pés. *Parece que tens uma almofada de Brillo pintada na cabeça*, era o que o Papá teria dito se estivesse ali. As palavras ecoaram pelas câmaras das suas memórias.

Agora toda a gente vai saber, pensou ela, as lágrimas a transbordar.

Mas… se se mantivesse escondida, poderia sair da escola sem ninguém ver, correr para casa sem ser vista. Ou podia ir ao gabinete da enfermeira e telefonar ao Papá para a vir salvar. Ele não ficaria muito zangado. Afinal, como poderia ter adivinhado que o céu ia mudar de ideias?

— Maddy?

A treinadora Bates saiu do seu gabinete e os seus olhos recaíram sobre o cabelo de Maddy, deixando-a sem palavras. Por um momento

de insanidade, Maddy pensou que talvez a treinadora compreendesse o seu dilema e sentisse pena. Talvez até a mandasse para casa sem pedir explicações.

Esperançosa, encarou a mulher, sorrindo por entre as lágrimas.

A treinadora demorou um momento a recompor-se antes de gritar:

— Que é que ainda estás a fazer aqui atrás?

Maddy pestanejou, o seu sorriso desvaneceu-se.

— Eu… Eu só…

— Vai para a aula! Já faltaste a muitas das minhas aulas, e agora também tentas faltar às outras? Porque é que te dás ao trabalho de vir à escola? Mais vale desistires. E nem vale a pena pedires-me um passe de atraso.

Maddy olhou uma última vez para o espelho e resignou-se ao seu destino iminente com uma pequena oração. Mesmo que ela não compreendesse, Deus não cometia erros. Saiu do balneário e viu a luz do Sol a entrar pelas janelas do corredor. O céu era de um azul brilhante e sem nuvens. Não havia sinais de que tivesse chovido. Com o corredor vazio e as portas a poucos passos de distância, considerou a hipótese de fugir.

Mas, atrás dela, a treinadora Bates estava junto à saída do balneário, de braços cruzados. A observar.

Maddy não tinha alternativa senão ir para a aula.

SEGUNDA HORA. História dos EUA.

Jules Marshall sentou-se no fundo da sala de aula da professora Morgan, ao lado de Wendy, enrolando uma madeixa de cabelo ruivo em torno do dedo indicador. Estava a fazer *scroll* entre as suas *nudes*, a tentar decidir qual das fotos enviar ao namorado, quando, por acaso, olhou para a porta.

— Caralho! — sussurrou Jules, arregalando os olhos.

Wendy, tomando notas furiosas, seguiu o olhar da melhor amiga.

— Oh. Meu. Deus.

Charlotte tapou a boca com as duas mãos para não gritar, mas o som escapou-se-lhe como uma tosse.

O cabelo de Maddy chegou à sala antes dela. As madeixas escuras e frisadas incharam em torno da sua pequena estrutura. Parecia mais cabelo do que humana. Toda a turma ficou boquiaberta.

— Caralho! — disse Jason Conway, caindo em cima do seu vizinho e colega de equipa Chris Lively, enquanto uivava de riso.

A professora Morgan, de pé no quadro branco, segurou o marcador no ar, os olhos azuis esbugalhados.

— Maddy? — arquejou.

Maddy não respondeu. De cabeça baixa, agarrava os livros contra o peito com uma mão, usando a outra para agarrar a alça da pesada mochila que trazia pendurada no ombro. Arrastou-se para o seu lugar na terceira fila, enquanto os seus colegas falhavam em reprimir gargalhadas coletivas.

A professora Morgan repreendeu-se a si própria por não ser melhor do que os fedelhos que tinha a tarefa de educar. Afinal, era apenas cabelo. Não se atreveu a pedir um passe de atraso, a chamar mais atenção para Maddy. Era óbvio que ela chegara atrasada. Em vez disso, voltou-se para a sala e pôs uma máscara de inexpressão.

— Acalmem-se, meninos — ordenou. — Peguem nos trabalhos de casa e abram no capítulo quinze do manual.

Maddy deslizou para o seu assento, tentando espremer-se até ficar do tamanho de uma ervilha enquanto a professora Morgan fazia perguntas sobre a matéria aos alunos.

— Agora, alguém me pode dizer…?

O rosto e o pescoço de Jules ficaram vermelhos enquanto tremia com um riso silencioso que a levou às lágrimas. Wendy deitou a cabeça no caderno, tentando aguentar-se.

— Ei! Jules? Wendy? — disparou a professora Morgan. — Qual é a piada?

— Qual é a piada? — repetiu Jason, incrédulo. — Meu, já viu aquela afro?

A sala irrompeu em gargalhadas.

Maddy inspirou, as lágrimas a acumularem-se. Cruzou as mãos, rezando mais do que alguma vez rezara para ser salva. Depois da aula,

tinha de fugir. Não importava a quantidade de problemas que lhe caíssem em cima. Tinha de sair dali.

— Jason — advertiu a professora Morgan, furiosa. — Queres ir ao gabinete do diretor explicar porque estás a perturbar a minha aula? Algum de vocês quer? Se não, sugiro que parem com isso.

A turma acalmou, mas não completamente. Ninguém estava a prestar atenção à professora Morgan. Todos os olhos estavam postos em Maddy.

Um sorriso malicioso espalhou-se pelo rosto de Jules.

— Vê isto — sussurrou, enfiando uma mão na mochila. Retirou um lápis número dois afiado, girando-o entre os dedos. Wendy e Charlotte sustiveram a respiração. Fechando um olho, Jules fez pontaria, depois lançou o lápis pela sala. Este delineou um arco no ar antes de aterrar no cabelo de Maddy. Maddy nem sequer o sentiu.

As raparigas riram-se às gargalhadas. Jules pegou noutro lápis.

O lápis que lhe caiu no cabelo ficou direito, como se tivesse sido posto ali de propósito. Os risos evoluíram para gargalhadas. Maddy não se preocupou em virar-se para a esquerda ou para a direita para ver o que estava a acontecer. Sabia que se estavam a rir dela. Estavam sempre a rir-se dela. A pele ardia-lhe, o coração batia-lhe com mais força.

A professora Morgan virou-se mesmo a tempo de ver o segundo lápis a voar e a desaparecer numa floresta de caracóis negros e apertados.

À turma só lhes faltou rebolarem no chão, as gargalhadas ecoando pelos corredores.

— Ei! Quem atirou isso? Wendy? Charlotte? Jules?

— Não fui eu! — disse Jules, fazendo-se de inocente, com as mãos levantadas. — Tenho aqui a minha caneta.

Wendy mal se conseguia conter, o seu rosto sardento adquirindo um tom de cereja.

Maddy apertou os olhos com força para os impedir de se contorcerem.

— Por favor, parem com isso — murmurou em voz baixa, e depois sentiu um puxão suave no cabelo.

— Mano, até parece cabelo de negro! — gritou alguém atrás dela.

— Eu disse para pararem com isso! — berrou a professora Morgan.

Nesse momento, o aparelho auditivo de Debbie Locke guinchou como um microfone perigosamente perto de um altifalante. Ela sibilou entredentes e sacudiu o aparelho da orelha.

— Mas que raio? — murmurou, batendo-lhe com a palma da mão. Mas ninguém a ouviu. Estavam todos demasiado ocupados a rir-se do cabelo de Maddy Washington, uma escultura gigante no meio da aula de História dos Estados Unidos.

— Parem — implorou Maddy, as lágrimas a correr, enquanto as vozes cresciam.

— *Estão a ver o tamanho desta merda? É enorme!*

— *Ei, Maddy, onde é que arranjaste essa afro?*

— *A Maddy Louca com o Cabelo Louco!*

— Parem, por favor, parem — implorou Maddy, a tremer.

Os dois únicos alunos negros da turma olharam para a turma com repugnância. A professora Morgan reparou. A sua pele cremosa corou em tons de vermelho.

— Eu disse basta! — gritou ela.

Uma racha na janela ao lado de Wendy começou a serpentear para cima, estilhaçando-se como uma árvore genealógica. Com uma respiração ofegante, Maddy agarrou-se à secretária e a sala girou. Alguma coisa picou e zumbiu na sua pele.

— *Como é que ela pode ter uma afro assim?*

— *Espera, ela é negra?*

A professora Morgan, tentando recuperar o controlo da turma desordeira, reparou que o café morno na sua caneca em cima da mesa ondulava, como se tivesse passado uma brisa forte.

De repente, Wendy praguejou entredentes, tapando os ouvidos com as duas mãos.

— Mas que raio? — exclamou, trocando um olhar frenético com Charlotte, que estava sentada de olhos arregalados. Ela também o sentia. Tinham as orelhas a arder.

Algo se apertou por trás dos olhos de Maddy, os seus músculos contraíram-se enquanto ela murmurava:

— Parem. Parem. Parem.

— *Mano, é?*

— *Ei! A Maddy é…*

— PAREM!

Num instante, todas as secretárias e cadeiras se ergueram um metro no ar, como se estivessem presas por uma corda. Wendy ofegou com a sensação, semelhante à de uma montanha-russa de feira momentos antes de cair de volta à terra. Depois, as secretárias bateram no chão, as pernas de metal a fazer barulho. As janelas estalaram e as luzes do teto rebentaram, fazendo chover cacos de vidro sobre os alunos que gritavam. O chão balançou por baixo da professora Morgan, e ela pôs-se de joelhos. Levantou a cabeça a tempo de ver os alunos a agarrar nos seus pertences e a correr para a porta.

Todos exceto Maddy, que, de alguma forma, estava no canto de trás da sala, encolhida numa bola.